

Inivicta *Cine*

ANO X

N.º 177



NANCY CARROLL

SEMANARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50
c⁰⁵



Invicta Cine

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

-SINGRANDO CONTRA TODAS AS PROCELAS-

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA

REDACTOR PRINCIPAL:

ALVES COSTA

ADMINISTRADOR:

JOAQUIM TEIXEIRA

PROPRIEDADE DA

EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO PROVISÓRIA:
RUA DAS MUSAS, 45 — PORTO (PORTUGAL)

ANO X
Número 177
PORTO
16 DE JULHO
1932

REDACTORES:

LISBOA: FERNANDO BARROS
E AGUINALDO MACHADO

PARIS: DANIEL MAYBON, ROBERT
GAILLARD, GEO POIRIER E MAURICE
HILÉRO

NOVA-YORK: ARTUR COELHO

VIENA (AUSTRIA): FRITZ MIKO

ROMENIA: SAMUEL STEINBERG

COLABORADOR ARTÍSTICO:

FERNANDO LACERDA

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPO-LITO
GONÇALVES & NOGUEIRA, LIMIT. — PORTO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

DAMOS

durante 30 dias, me-
diante a apresenta-
ção dêste anúncio,

1 CORTE DE CALÇA

a todos os fregue-
ses que comprem
na nossa casa

1 CORTE DE FATO

na importância supe-
rior a 100 escudos.

Diferenças de 30 a 60%.

em tôdas as fazendas
para fatos e calças.

CASA DONAS

R. Fernandes Tomaz, 822-PORTO

A Fotografia Guedes,

de Neves Guima-
rães, é a primeira
fotografia do país, con-
forme o atestam os
primorosos trabalhos
patenteados ao pú-
blico na sua exposi-
ção permanente.

Visitem as suas sumptuosas
instalações, na rua de Santa
Catarina, 346 a 350 — Porto.
Telefone, 2680.

Uma imagem de «Madchen in Uniform» (Mulheres de Uniforme)



== Sucesso durável e justificado do filme alemão ==

MADCHEN IN UNIFORM

Sob a direcção artística de Carl Froelich, Liontine Sagan realizou um filme que toma lugar entre as mais elevadas obras do «écran» *Madchen in Uniform*, apresentado em França na sua versão integral alemã, está tendo um sucesso reconfortante que vem provar uma vez mais que uma obra original pôde «dar dinheiro» e que um filme bem feito, em todos os sentidos, é compreensível em todos os países. A linguagem do coração é universal. Basta que se saiba servir-se dela. Ou basta, antes, que se possua essa linguagem.

Leontine Sagan, sensível e mulher de gosto, excita em nós a emoção mais pura e mais delicada. Nós choramos como crianças vendo a sua obra, e se a nossa tristeza não se exterioriza tanto como a das suas jovens actrizes, ela não é menos real e profunda.

Madchen in Uniform conta a história psicológica e sentimental de Manuela, jovem órfã que uma sua tia encerrou numa grande pensão alemã; disciplina de ferro, educação absolutamente militar — menos rigorosas todavia do que em certas pensões francesas. Manuela sente-se mal com esta existência. Ela é tão nervosa que toma tudo pelo lado trágico, a-pesar-da amizade das suas camaradas que se mostram previdentes e carinhosas para com ela.

A existência tornar-se-lhe-á bem depressa intolerável e talvez a asfixiasse totalmente se não tivesse tido a felicidade de ser colocada sob a direcção duma mestra a quem ela se agarra como um afogado toma a mão que lhe oferece socorro. Mademoiselle von Bernhurg, bonita e carinhosa, sabe compreender os seus alunos, empregando o infalível método da compreensão afectuosa. A sua autoridade, em virtude disso, melhor se faz sentir.

Tão bons resultados obtidos por meios que estão em contradição com a regra do pensionato, excitam evidentemente o ciume das outras mestras, verdadeiras «garde-chiourmes». Em virtude disso Mademoiselle von Bernhurg toma por Manuela um afecto tanto maior quanto ela é privada do affecto dos outros.

Aqui intervem um elemento que alguns julgam equivoco, mas que é preciso não exagerar. Mademoiselle von Bernhurg sentirá por Manuela, e as outras alunas, um sentimento turbo? Talvez. A si-

tução destas pensionistas, enclausuradas no momento mesmo em que os seus corações e os seus sentidos acordam e se agitam, não deixa de conter um certo lado equivoco. Mas Liontine Sagan, deu provas dum tacto muito apurado na realização desta história. Há apenas, entre Manuela e Von Bernhurg, um beijo na bôca. Mas o abraço é tão fugitivo que nós não podemos atribuir-lhe uma importância que não tem.

No decorrer duma festa, em que Manuela representou duma forma notável *Don Carlos* de Schiller, um pouco excitada por um punch alcoolizado de mais, provoca um escândalo declamando alto e bom som a sua admiração por Mademoiselle von Bernhurg, contando que esta lhe deu uma camisa, uma camisa das dela!

Como um rastilho enflamado, o caso invade a pensão, chega aos ouvidos da Directora que, feliz duma vingança, repreende asperamente Mademoiselle von Bernhurg e põe Manuela no index.

Manuela não compreende o mal de que a accusam. Desgostosa, isolada de todos, mesmo de Von Bernhurg que lhe deu a entender que nunca mais deviam voltar a vêr-se, pensa em matar-se. Ela tenta com efeito um suicido, mas as suas companheiras chegam a tempo de a impedir de realizar este funesto projecto.

Contei a intriga, contra o meu costume, para lhe salientar a importância. O assunto era duro e delicado, mas foi tratado com uma mestria desconcertante. Repito, o filme não têm nada de indecoroso. Uma habilidosa publicidade (habilidosa para os interessados, não para nós) quiz fazer deste filme uma obra dum carácter especial. Certamente. Mas o subentendido é muito diferente daquêlê que querem sugerir especial? O filme é-o pelo assunto, unicamente sentimental, a interpretação, a realização conduzida com uma ligeireza que encanta. Temos a impressão de que nenhuma imagem é demais, que nada se poderia adicionar ou suprimir. Nenhum exagero, nada de lacrimações ou de compaixão; apenas uma sensibilidade delicada, uma emoção sempre contínua, que estala por vezes, mas sem violência. É um «tour de force» de poesia, de delicadeza e de inteligência também, porque o riso mistura-se felizmente às lágrimas. Com efeito, como

(Conclue na última página)

==== Sábado ====
30 de Julho de 1932
==== matinée ====

INVICTA CINE

no elegante cinema

OLYMPIA

exibindo-se o interessante
fonofilme «Paramount»

GENTE ALEGRE

uma linda produção
interpretada pela gra-
ciosa artista espanhola
CONCHITA MONTENEGRO

Os portadores de qualquer
número da nossa revista
obtêm o desconto de
—— 50 % ——
em todos os lugares



Rino Lupo

Uma carta particular de

RINO LUPO

para o nosso director

Deixando-nos saúdaes, há uns dois anos, aproximadamente, Rino Lupo, o realizador que o nosso público conhece muitíssimo bem, deixou Portugal nunca mais nos tendo dado notícias suas. Há dias, porém, o correio trouxe-nos uma carta daquele velho propagandista do cinema português, carta que, passamos a transcrever, pois o seu canteúdo se nos afigura deveras interessante. Diz Rino Lupo :

« Meu caro Roberto Lino :

Aqui estou eu sem nunca ter esquecido o meu querido Portugal e os caros amigos que aí tenho. Há ano e meio que estou dando voltas por esta Europa fóra, estudando e observando os vários centros de produção cinematográfica para em breve elaborar um caminho sério e proveitoso em pról da cinematografia portuguesa à qual me ligam laços inquebrantáveis de trabalho, de sacrificio, de satisfação, de energia, que todos aqueles que se interessam pela cinematografia de Portugal bem conhecem.

Estive em Paris, fui a Berlim, e agora estou em Roma. Em tôdas as partes tenho desenvolvido activa parte profissional que em breve, estou certo, será muito aproveitável . . .

Dentro de alguns dias partirei novamente para Berlim.

No mês de Maio passado realizou-se em Roma o « Congresso Internacional do Teatro », onde estavam representadas tôdas as nações. Portugal brilhava

pela sua ausência! Tomei então a iniciativa de representar a vossa pátria nesse Congresso, onde fiz uma alocação sôbre o teatro e a cinematografia portuguesa, da qual os jornais italianos falaram detalhadamente, obtendo eu os elogios e agradecimentos do Sr. Ministro de Portugal em Roma.

No fim dêsse mesmo mês, realizou-se também em Roma o « Congresso Internacional da Aeronautica », no qual apareceram os *azês* da Aviação de todo o universo. Aqui não faltou Portugal.

Veio o Almirante Gago Coutinho e o tenente Manuel Gouveia que foram muito festejados.

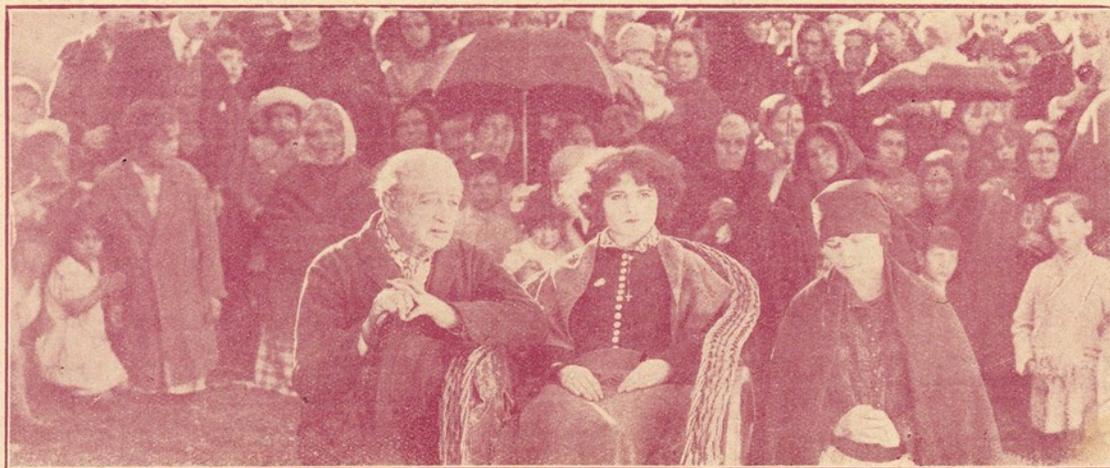
O Real Aéreo Club de Itália que foi o organizador do Congresso, deu-me o encargo de acompanhar, em tôdas as cerimónias que se realizaram, os aviadores portugueses e como tôdas as recepções fossem seguidas a cada passo pelos operadores da « Luce » eu colaborei com êles para que o filme tomasse aquele interêsse especial a respeito dos gloriosos aviadores de Portugal. Estou agora tratando para que êsse filme seja o mais rapidamente possível enviado para aí.

Enviando-lhe um grande abraço, aceite, meu caro Roberto Lino, os cumprimentos respeitosos do

Rino Lupo.

P. S. — Não se esqueça de me recomendar a todos os bons amigos de Portugal ».

Como os leitores vêm, o Rino Lupo, continúa a ser um grande amigo de Portugal.



Uma imagem de « Fátima Milagrosa », um dos filmes de Rino Lupo, realizados em Portugal

DA VIDA CINEGRATICA

Protestando... Em oposição unânime à recente proposta dos productores franceses de filmes para o restabelecimento da quota limitando a entrada dos filmes americanos, 3.900 cinemas independentes em França, apresentaram a sua resolução ao ministro das Belas Artes, Sr. Mari Roustan, contra qualquer limitação de importação dos filmes americanos em França.

Expondo que a medida proposta daria fim ao regimen de reciprocidade entre a França e os Estados Unidos, inaugurado o último ano, e que não existe qualquer limite de entrada nos Estados Unidos para os filmes franceses, nem qualquer favoritismo, os proprietários dos cinemas foram firmes nas suas afirmações.

Foi afirmado últimamente por um comunicado que a Câmara de Comércio Americana em França, não julga que o Governo Francês dê o seu apoio à proposta dos produtores franceses, limitando os filmes americanos, pelas conseqüências graves que tal facto acarretaria, e ainda por achar inoportuna nesta ocasião tal medida.

Além disso os direitos de importação para os filmes franceses a entrar nos Estados Unidos, são somente nominais e ligeiramente mais baixos que os impostos aos filmes americanos em França. A resolução dos proprietários de Cinema foi a seguinte:

«A Federação do Cinema Francês, o Sindicato Francês dos Proprietários de Cinema, Federação Geral dos Proprietários de Cinema nas Províncias e o Sindicato Nacional dos Exploradores de Cinema, representando 3.900 num total de 4.054 cinemas independentes em França, em reunião especial de 24 de Maio último, depois de terem estudado atentamente a nova quota de filmes, proposta adoptada pelo conselho superior de Cinema, declaram unanimemente que a aplicação de tal quota reguladora ameaçaria a independência e possivelmente a existência do ramo de exhibição da indústria do filme, que é a base essencial de tal indústria.

«Chamam a atenção para o facto que sem nenhuma espécie de pressão junto d'elles, os proprietários de Cinemas têm encorajado a produção nacional, dando preferência aos filmes falados franceses, muito embora o seu preço seja freqüentes vezes excessivo.

«Lavram o seu protesto contra qualquer medida restrictiva, ou qualquer sistema de privilégio, estabelecido para o benefício único de algumas individualidades interessadas.

«Resolvem defender com tôda a sua energia os interesses vitais dos proprietários de Cinema, mais uma vez sacrificados, e a pedir ao governo para suspender imediatamente qualquer proposta de quotas, assegurando assim aos proprietários franceses

de cinema, o proseguimento sem obstáculos da sua profissão.

«O presidente e outros membros dos vários sindicatos, incluindo Lussiez — Paris — Fougeret et Martell — Marselha — Williamson, Milber — Nice — François — Lille — Xardel — Metz — Moch e Grouze — Rouen — Jean — Nantes — Haimant — Toulon — Friederger — Colmar».

A morte dum antigo artista

Com quarenta e dois anos de idade, faleceu há dias na Alemanha, o artista cinematográfico Bruno Kastner, hoje desconhecido dos cinéfilos mais novos.

Os que há cerca duns dez anos se interessavam já pelas imagens, devem porém lembrar-se de haver visto este actor em vários filmes, entre os quais um de séries que fez sucesso nêsse tempo — «O Rei da Prata».

Os campeões de bilheteira

O jornal «Motion Picture Herald», abriu um inquérito entre 12.000 exhibidores para saber quais os filmes que maior sucesso financeiro obtiveram nos seus cinemas desde Setembro do ano findo até Maio passado.

Venceram as seguintes produções:

1.º — Grande Hotel, da «Metro Goldwyn Mayer».

2.º — Letty Lynton, da «Metro Goldwyn Mayer».

3.º — The Richs are always With Us, da «First National».

4.º — Scarface, da «United Artists».

5.º — State's Attorney, da «R. K. O.»

6.º — The Miracle Man, da «Paramount».

Os Estados Unidos abandonam o mercado de filmes na Yugoslavia

O que Harol L. Smith, agente de Hays, na Europa, disse a propósito da América abandonar o mercado de filmes da Yugoslavia:

«São estas as últimas notícias que tenho acêrca da situação naquele paiz, e não são agradáveis, afirmou, visto que as nossas companhias têm aguardado que

o governo Yugoslavo, queira abolir a lei do contingente de filme, que nos colocou na impossibilidade de negociar ali.

«A maior dificuldade para as Companhias americanas é um parágrafo pelo qual teríamos de comprar 70 metros de filme Yugoslavo por cada 1.000 metros vendidos, quantidade esta elevada agora a 150 metros. Se as nossas companhias não comprarem filmes Yugoslavos serão sobrecarregadas com 100 dinars por metro de filme que requeiram negociar. Este excesso é destinado a



A' despedida do nosso redactor Robert Gaillard, na estação de S. Bento. — Da esquerda para a direita: Emilio Loubet, Artur Sandão, Senhora Gaillard, Alves Costa, Robert Gaillard, Roberto Lino, Alves da Cunha, César Rodrigues e Novais Castro.

(Conclue na última página)

Uma artista que nunca pensou em ser artista

por ORITA LAGE

A ambição de ser uma grande artista... ou a penosa peregrinação pelos estúdios cinematográficos à procura duma oportunidade... longos anos de luta... tal é a fórmula do triunfo... Desta penosa peregrinação têm surgido artistas como Norma Shearer, Joan Crawford, Mary Pickford, Gloria Swanson, Ramon Novarro, Charles Chaplin e vários outros.

O outro caminho que leva ao cume é muito semelhante, com a diferença que a batalha é entre os bastidores, por traz das luzes da ribalta. O pretendente recebe uma oferta para entrar no cinema. Assim foi como chegaram à Cinelândia, Robert Montgomery, Marie Dressler, Maurice Chevalier, Ruth Chatterton, Lawrence Tibbett, etc.

Mas de onde surgiu Karen Morley?

Quem é esta jovem delgada e loura, que em menos de dois anos conquistou nome na tela?

Karen Morley é... sem dúvida, a excepção da regra, o que ela ignora completamente.

Não sabe sequer que existe a decantada fórmula do triunfo.

Durante a sua infância, Mildred Linton (hoje Karen Morley) não alimentava nenhuma ambição definida... excepto terminar o seu curso na escola depois de estudar o menos possível.

—A verdade é que sou naturalmente preguiçosa, confessa Karen.— Naquela época, vivia com minha mãe, pai e avô ao lado duma biblioteca pública, e passava as horas livres lendo romances.

Nunca pensava no futuro, apesar de saber que, terminados os meus estudos, teria que trabalhar para ganhar a vida. Mais tarde, contudo, decidi ser escritora... porque me parecia que desse modo, levaria uma existência mais descansada.

Tinha a impressão que os escritores eram pessoas muito felizes... viajando sempre, sem outro patrão a não ser a sua pena ou a sua máquina de escrever. De todos os modos, seria muito melhor do que ser dactilógrafa ou professora.

Projectei um plano excelente: apenas terminasse os meus estudos, tornar-me-ia jornalista; e alguns anos depois, dona da experiência necessária, me dedicaria a escrever romances ou dramas... segundo se apresentassem as coisas. Era tão fácil falar! Sonho delicioso se fôsse realizado! Na verdade que nunca passou pela minha cabeça ser artista, pois não me julgava bastante bonita.

Quando Karen deixou a escola, seguiu fielmente o seu plano, percorrendo várias redacções. Mas os directores dos jornais e revistas não se mostravam particularmente interessados por ela... Respondiam-lhe friamente que não havia trabalho...

Finalmente a jovem desistiu... em parte.

Resolveu então estudar medicina. Seus pais sempre tinham desejado que ela seguisse esta carreira.

Na escola preparatória onde se tinha matriculado para principiar os seus estudos, a meio do primeiro



Karen Morley

ano, foi atacada pela febre de representar e então uniu-se ao clube dramático da escola. Pouco tempo depois já estava contaminada pela febre do teatro e o estôjo de maquiagem veio substituir os seus estudos e ingressou no «Pasadena Community Playhouse», uma companhia de *tournee* da California.

Depois duma curta carreira, mais ou menos feliz, nesta companhia, Miss Morley começou a percorrer os departamentos de elencos dos estúdios cinematográficos e o seu rosto acabou por se tornar familiar nêstes locais. Um dia, encontrando-se nos estúdios da «Metro», onde havia ido com a esperança de conseguir trabalho como «extra», aconteceu que o director Clarence Brown mandou um seu assistente solicitar uma jovem, simplesmente para ler o papel de Greta Garbo em *Inspiração*.

—Julga que pôde desempenhar êste trabalho? perguntou o director de elencos a Karen.

—Creio que sim,— respondeu friamente, ignorando que o destino lhe falava pela bôca do director.

Foi aí então que começou a sua carreira definitiva: Karen tomou o papel de Garbo nos ensaios, chamando a atenção do director Clarence Brown, que lhe deu um papel nêsse mesmo filme—o papel da jovem boémia que se suicida por Lewis Stone. Aquela caracterização conquistou-lhe o seu primeiro contrato por um longo prazo com a «Metro-Goldwyn-Mayer».

Tendo-se internado tanto no caminho da fortuna, contra tôdas as regras estabelecidas, Karen Morley pôde dar-se ao luxo de continuar como excepção.

Vive como lhe agrada, sem fazer caso do público ou do que as suas colegas pensam a seu respeito. Não afecta uma falsa personalidade, como tantas outras artistas. Prefere as roupas confortáveis aos vestidos elegantes, e, fóra da tela, preocupa-se pouco com a sua aparência pessoal. Não pratica qualquer sport, porque não é perita em nenhum... e jámais faz coisa alguma a menos que obtenha perfeição.

E, por esta mesma razão, ainda que a sua vocação não tenha sido o cinema, Karen é uma bôa artista e esforça-se em sê-lo melhor cada dia que passa. Mas, fóra dos estúdios, leva a vida duma escritora principiante que sonha escrever dramas... e que espera ainda conseguir-lo algum dia.

Todos os dias, nos cinemas de todo o mundo, passam diversos fragmentos de películas mostrando-nos assuntos vários — a esplendorosa alvura dos Alpes, a reunião dalguns diplomatas decidindo uma importante questão, ou as fases mais eminentes e vivas do conflito sino-japonês.

E êsses pedaços dispersos da «vida universal» reunidos e ligados, formam os interessantíssimos jornais cinematográficos que se chamam: *Pathé Journal*, *Paramount Sound News*, *Fox Movietones News*, etc. Cada um, é o resultado do esforço, muitas vezes colossal, duma vasta pleiade de operadores-reporters espalhados pelo mundo, em constante labuta e preocupação, caçando imagens as mais sensacionais, focando as coisas mais extraordinárias, para chamar a atenção de tôda a gente.

O filme de actualidades constitui o jornal mais penetrante e claro, onde se pôde «lêr» e ouvir hoje, os acontecimentos predominantes de tôda a parte, numa exposição clara e inofismável, em que a fantasia do jornalista relactor não penetra deturpando os «casos» em exhibição.

Todos devem fazer um cálculo aproximado do esforço dispendido por êsses homens sempre prontos a arrostar com os contra-tempos surgidos muitas vezes, através da ideia fixa e inabalável de atingirem os seus objectivos... com uma objectiva.



Grace Moore
Uma rapariga encantadora com uma voz maravilhosa

A propósito da aversão de outrora pela «camera» de filmar e a título de curiosidade, acho interessante recortar das memórias de um ex-reporter cinematográfico, o seguinte:

«Quantas vezes para filmar uma saída de Clemenceau durante a Conferência da Paz, tivemos de nos esconder.

O REPORTER CINEMATOGRAFICO

Lembremo-nos de tantos documentários que durante a guerra e depois dela, foram exibidos passando-nos na frente alguns episódios da tremenda hecatombe. Quantos dêsses «caçadores de imagens» não foram sacrificados em holocausto à sua arriscada missão!

Nos seus postos, num descampado por vezes heróicamente, ou num esconderijo necessário, a metralha não deixou de os bafejar em dados momentos, atirando com alguns para o campo imenso das cruzes do *no man's land*, ou para os hospitais de sangue da rectaguarda.

Ossos do ofício, mas bem duros!

Dezenas de metros que vimos dessas películas, custaram vidas.

Mas, não só na guerra se revelou a abnegação dêsses bravos da manivela. Noutras fases da sua actividade, aparentemente a mais normal, os precalços difíceis e os perigos mesmo, não são uma palavra vã. Arriscando-se até junto da cratera do Vesúvio, voando sôbre o solo vulcânico do Chile ou da Argentina, em erupção, sondando o fundo do oceano num submarino até às regiões polares, ou colocando-se nas posições mais incômodas e extravagantes para obter certo efeito ou determinada fase, o operador acha-se quasi sempre num risco ameaçador, de que, a grande maioria do público na comodidade dum *fauteuil*, não pode aperceber-se com o seu espírito superficial e egoistamente despreocupado do trabalho de visão.

E já não falamos dessa dificuldade e relutância que sempre encontraram os primeiros reporters cinematográficos, nos tempos em que a sua actividade começou a manifestar-se.

O horror de uns pelo cinema, a incompreensão de outros, levantavam-se como muralhas intransponíveis e graníticas que só a astúcia conseguiu vencer.

Hoje é outra coisa.

Tôda a gente sente prazer em ser filmado.

Mas as dificuldades e o arrôjo subsistem através de tudo e graças a êste último podemos nós apreciar tantas coisas impossíveis de serem abrangidas pelo nosso olhar, mesmo ao natural.

Jack Oakie
Um rapaz simpático que nos tem aparecido em vários filmes

«O Presidente aborrecia, nesse tempo, as actualidades cinematográficas.

«Para o apanhar vimo-nos forçados a sacrificar um dos nossos camaradas operadores, expondo-o bem à vista com um aparelho de filmar, enquanto nós outros nos escondíamos do lado oposto.

«Infalivelmente ao aperceber-se do operador visível, Clemenceau voltou-lhe as costas, ficando de face voltada para os nossos aparelhos ocultos.

«E já agora, friso a intolerância do antigo Presidente, que, duma ocasião à saída do «Quai d'Orsay», em que um jornalista pretendeu fazê-lo parar, permitindo aos operadores a ocasião de filmá-lo, ao aperceber alguns segundos mais tarde do *guel-apens* em que caíra, increpou tôda a gente com uma vigorosa palavra, tornada histórica em Waterloo.

«O cinema falado não existia ainda, mas o mudo pelo movimento dos lábios, é capaz de fazer compreender a intonação das palavras, a muitas pessoas experimentadas».

Hoje, a missão do reporter cinematográfico é simplificada muitíssimo pela confiança e relêvo que disfruta o cinema, tem todavia um cem número de empecilhos que mais se avolumaram com a ligação da sonoridade à imagem.

Dantes mais leve correndo para aqui e para acolá de máquina às costas.

Agora com uma verdadeira e monumental bagagem que constitui os aparelhos de tomada de sons, dando nas vistas de tôda a gente e tornando-lhes mais pesada a missão.

E, no entanto, êsses bravos «caçadores de imagens» dão-nos, de quando em quando, ainda, alguns nacos que revelam a sua audácia e a sua perícia, imiscuindo-se em recantos ou assuntos mais escusos, embora persistindo de mais nas paradas militares, nas audiências diplomáticas, nas procissões e nas cenas de «music-hall», por serem estas de maior facilidade à captação do microfone.

Porque, verdade seja dita, êstes aspectos vulgares favorecem extraordinariamente o «micro» disposto a apanhar os ruidos mais penetrantes, como sejam um discurso, uma banda de música que passa ou os côros dum grupo de indivíduos.

Os aparelhos instalam-se com vagar, pode-se proceder à sua «mise ao point» sem as preocupações rápidas e precisas que demanda qualquer assunto inesperado e que pede de improviso a sua filmagem.

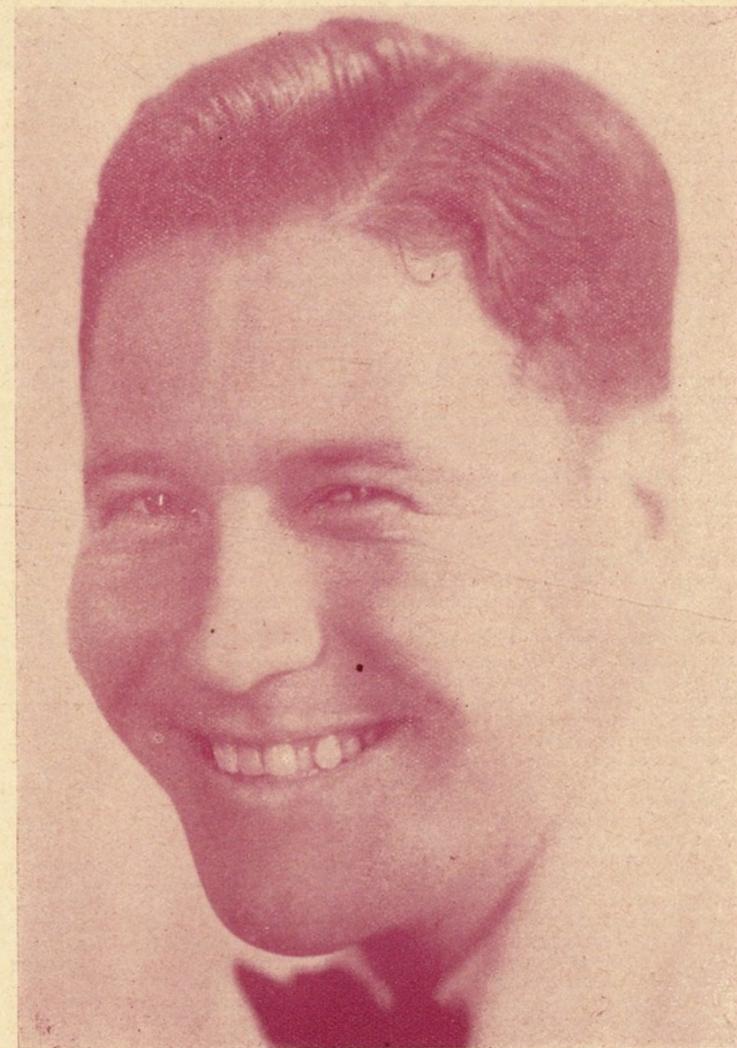
Nêstes casos que de quando em vez ainda apanhamos num ou noutro jornal com uma post-sonorização, aliás compreensível ante a impossibilidade da sua captação sonora, mantem-se ainda a habilidade do homem da manivela e a sua sêde de inédito.

J. ALVES DA CUNHA

Fredric March, que vamos ver em «O Anjo da Noite», começou a sua vida activa como empregado de banco em Racine, Wisconsin, onde March viu primeiro a luz do dia.

Tallulah Bankhead certa vez ganhou um concurso de beleza organizado por um magazine americano. As candidatas tinham apenas que mandar uma fotografia. A de Miss Bankhead obteve o primeiro prémio, mas como a dona, por modestia, deixasse de enviar o seu nome, foi o retrato publicado com a etiqueta de «Misteriosa Vencedora».

Iremos ver breve Claudette Colbert e Clive Brook pela primeira vez unidos num filme. Mlle. Colbert tem trabalhado com quasi todos os galãs da Paramount, mas não com Mr. Brook. O filme em questão chamar-se-á provisoriamente «Brido of the Enemy».



Cinema Educativo

As projecções luminosas como auxiliar no cinema escolar

As projecções luminosas, animadas ou fixas, estão sendo chamadas a completar o material didático para o ensino em todos os ramos como auxiliar do método intuitivo e experimental. Existem, realmente, fenómenos e factos caracterizados pelo movimento e que seria impossível, muito difícil ou muito dispendioso reproduzir, para que fôsse observados directamente pelos discipulos; projectando-se a sua imagem cinematográfica sobre a tela, podem os espectadores contemplá-los e analisá-los com comodidade, compreendendo-os melhor, devido ao auxilio que lhes traz o comentário do professor. As imagens animadas cativam e prendem a atenção; com elas, o ensino é fácil, rápido e eficaz. Por outro lado, as vistas fixas, além de completarem e simplificarem, em muitos casos as projecções animadas, representam, especialmente para o mestre, um poderoso recurso para substituir as ilustrações, fotografias, quadros e desenhos, os quais são sempre difíceis, pela falta de recursos, de serem postos ao alcance das escolas primárias. Um aparelho de projecção, com uma colecção de cartões postais, dispositivos e outras vistas, devidamente escolhidas, permitem a exemplificação de um grande número de coisas, seres e fenómenos, com uma clareza demonstrativa que será indiscutivelmente superior aos mais dispendiosos quadros pedagógicos.

Não se julgue que as projecções luminosas estejam destinadas a substituir o material intuitivo e experimental, cuja utilidade didáctica está hoje reconhecida: objectos *in natura*, modelos, boas ilustrações, laboratórios, etc. Sempre que seja possível mostrar as mesmas coisas, ou executar diante dos alunos, ou melhor ainda, fazê-los executar as experiências, não será necessário recorrer à projecção luminosa.

Convém que os professores não abusem d'este método de ensino, e muito menos se se trata do cinema, convertendo a escola em uma sala de espectáculos. Os casos em que as projecções podem servir para o ensino, estão limitados aos factos e aos fenómenos visíveis que não se podem mostrar de outra forma aos discipulos, ou não poderiam ser postos ao seu alcance, a não ser mais que imperfeitamente, com outra qualquer classe de material.

Para fixar as ideias, passaremos revista às diversas ciências e examinaremos quais são os assuntos que convém ensinar por meio de imagens fixas ou animadas. Separaremos, desde já, as ciências matemáticas, as quais, em matéria de ensino, pelo menos durante os capítulos elementares, nada teriam a ganhar com as projecções luminosas.

A Física e a Química ensinam-se experimentalmente. Nem as películas nem as vistas fixas poderiam substituir as experiências realizáveis nos laboratórios: propriedades dos ímans, fenómenos de electricidade estática, bombas, sifões, preparação do hidrogénio, do nitrogénio, etc. Não poderíamos admitir as projecções luminosas, a não ser para experiências difíceis de serem realizadas nos laboratórios escolares: cristalização, liquefacção, microfísica, etc.

Em seguida temos a Biologia, a Fisiologia, a Medicina e a Cirurgia. Consideráveis serviços presta a cinematografia ao ensino destas ciências. A observação, por auditórios numerosos, da vida elementar dos microorganismos é hoje possível graças às películas, e como é sabido de todos, graças ao microscópio de projecção fixa.

O eminente professor de Fisiologia da Universidade de Bruxelles, M. P. Heger, aprecia nestes termos o emprêgo d'esse auxiliar:

«O emprêgo do cinematógrafo presta os melhores serviços ao ensino da medicina. É um maravilhoso espectáculo, o dos movimentos das amebas e dos leucocitos. A acção dos venenos sobre o coração demonstra-se admiravelmente por intermédio da cinematografia.

Uma das grandes vantagens do método cinematográfico é fazer, por assim dizer, permanente as experiências fugitivas; assim o pombo, ao qual se retirou o cérebro, apresenta movimentos de rotação característicos, permitindo à cinematografia fixar os resultados de experiências parecidas, e por este meio, além de economizar-se tempo, torna-se supérflua a repetição de experiências e de viviseccões necessárias às demonstrações do curso.

Em clínica, as fases de acessos convulsivos, os sintomas que interessam às modalidades, e mil outros detalhes que podem escapar à observação de um instante, são estudados ao natural por todos os alunos; graças à documentação ministrada pelas películas.

Agora suponhamos que nos perguntassem quais as películas que poderíamos recomendar. O número é grande porque o emprêgo se estende a todas as ciências experimentais, à Zoologia como à Embriologia, à Psicologia tal como à Química.

Nós mesmos temos procurado fazer certas películas, porém sobre esse ponto preferiria que se dirigissem ao Dr. Comandon, a quem se deve um grande número de películas científicas de grande interesse».

O professor que não disponha de mais que um aparelho de projecções fixas, pôde tirar muito bom partido d'esse auxiliar para

as suas lições escolares, conferências e cursos de adultos, utilizando vistas fotomicrográficas feitas com esse objecto, tais como as vistas das baterias da tuberculose, febre tifoide, infusórios das águas estagnadas, micróbio da pneumonia, baterias da boca, terras fósseis, culturas dos espongiários, etc.

Quanto à Puericultura, que vem em seguida à Medicina e à Clínica, poderíamos dizer que os seus cursos são aplicações da Biologia. Esses cursos se tornarão mais interessantes e demonstrativos por meio das projecções luminosas.

O Dr. Comandon, mestre francês na arte de produzir películas educativas, tem apresentado bastantes documentos para o ensino dessas matérias. Citemos os principais: propaganda contra o alcoolismo, a tuberculose, sífilis, os animais daninhos—mosquitos, ratos, veículos de micróbios patogénicos, etc.—Em películas de 220 a 300 metros êle tem tratado de importantes assuntos de hygiene.

Sob a direcção do Ministério de Hygiene dos Estados Unidos, tem-se feito películas de Biologia, mostrando a vida da célula, o bater do coração, a circulação do sangue, etc.; outras mostrando os mosquitos, seus ovos, larvas, seu crescimento como se introduzem no corpo humano os micróbios patogénicos. Esse género de película convém às escolas primárias, Escolas Normais, cursos de economia doméstica, cursos secundários; nunca será bastante para a propaganda da hygiene prática.

Aplicação análoga nos indicados centros de ensino, poderá ser feito com as vistas fixas, por intermédio do aparelho de projecção. Citemos, por exemplo, o tipo de vistas que poderá ser utilizado: crianças alcoólicas, estatística, loucos alcoólicos, sinistros marítimos, os tuberculosos, bacilos, a cama higiênica, etc., ou então dispositivos parecidos com os que figuram na colecção do Museu Pedagógico de Paris, como: alimentação racional. Principais caracteres que permitem apreciar a carne insalubre. Enfermidades da pele causados por parasitas. Profilaxia das enfermidades contagiosas transmitidas pelas dejeções. Os filhos do alcoólico. Os parasitas dos animais domésticos. Os cuidados de urgência aos enfermos e feridos. A protecção e os cuidados com a criança antes do seu nascimento, etc.

Sobre a Zoologia descritiva, o assunto se torna igualmente importante. Para exemplificar um curso de Zoologia existem belas películas e vistas fixas, representando os animais no seu meio natural. As vistas animadas e fixas, adequadas ao ensino desta matéria, deveriam compreender: imagens mostrando os caracteres de cada grupo de animais, sendo útil recorrer para esta parte das lições, aos esquemas animados; e vistas das principais espécies de cada grupo estudado. Como tipo de películas d'este género, com êxito provado, citemos os da colecção do «Filme Educativo» da Casa Pathé, e como vistas fixas, a numerosa colecção de depositivos da Casa Mazo de Paris, série 90 — invertebrados, peixes, réptis, pássaros e mamíferos — as vistas fotomicrográficas da mesma casa, série 56 — baterias, protozoários, espongiários, crustáceos — os depositivos da colecção do Museu Pedagógico, de Paris; animais das regiões polares austrais, baleias, focas, pássaros, a vida no fundo dos mares, vida dos insectos, costumes dos peixes, etc.

Para o aparelho de projecção de corpos opacos, existe entre outras, a colecção animada de 110 cartões postais, coloridos, redução de lâminas de Zoologia e executados por importantes pintores de animais, apresentando-se no meio em que vivem, circunstância que interessa também, na sua maior parte, ao ensino da Geografia.

Para a Botânica, não é necessário acudir ao emprêgo das projecções luminosas. Professores e alunos encontram na flora local e nos jardins, o material de observações necessário às lições. Não recomendaríamos as vistas animadas, a não ser para alguns phenomenos que raramente se tem occasião de observar na natureza, como os movimentos da sensitiva, a captura dos insectos por certas plantas, a abertura das flores, etc.

Sem embargo, quando se trata de mostrar plantas que não existem no lugar, é preciso recorrer a essas vistas, e, nesse caso, podem estas ser substituidas por projecção de vistas fixas. Existe uma bela quantidade de dispositivos para este género de ensino e mais algumas colecções de cartões postais, nem todos, porém, recomendáveis, por falta de mérito artistico.

Por enquanto, paremos aqui. O assunto é ardido e pôde ser desenvolvido, tratando-se de uma infinidade de outros ramos de Pedagogia, os quais se ligam a todas as divisões da Ciência. Deixamos as outras, menos importantes que aquelas, sobre as quais já dissertamos, para serem analisadas proximoamente. Aquellas, a cujas ligações com as projecções luminosas, já nos referimos, prestam-se melhor ao ensino universitário.

O Anjo da Noite

Uma produção Paramount com
Nancy Carrol e Frederic March

Longínquo vai êsse tempo em que uma burguesinha, filha de vendedores, casou com um descendente do conde Von Martini, escandalizando a susceptibilidade da nobresa de Praga.

O titular morreu poucos anos após o matrimônio, deixando na completa miséria uma filhita e a esposa, condessa, que não soube ou não pôde manter a amizade dos antigos conhecidos de seu marido.

O coração endurecido pelas vicissitudes que a assolaram enquanto durou a sua união, abandonou todos os escrúpulos de consideração e sem mais nem menos pôs-se à frente dum «cabaret» de fraquíssima reputação.

Os anos correram. O café prosperou, trazendo o equilíbrio financeiro à condessa. Esta, na sua ânsia de criar fortuna, procurava sempre todos os meios de adquirir o máximo possível com artimanhas de todos os processos. Os bolsos dos que caíam no seu «cabaret» eram espremidos até ao último vintem, com a ajuda dos seus cúmplices e criados.

Yula, sua filha, é agora uma garota de dezoito anos. Não conhece outra vida que aquela em que sua mãe a criou — o «cabaret» — e se bem que continuando inocente, o ambiente que a cerca, a atitude provocante de sua mãe e pessoas que com ela convivem, inculcaram-lhe um conceito de rebelião contra as leis da sociedade e seus representantes.

As autoridades de Praga sempre foram tolerantes com a proprietária de *Duck*, nome do «cabaret» da ex-esposa de Von Martini.

Tolerância de mera burocracia adormecida, tolerância paga com ilícitas ganâncias?

Seja como fôr, a condessa pôde satisfazer os elevados custos do astuto advogado Bonsebach que com a sua habilidade jurídica ganhou sempre tôdas as causas que têm empreendido contra a condessa os chamados protectores dos bons costumes.

Um jovem e novo magistrado, sabe disto, mas os seus poucos anos, a sua honra pessoal, o conceito severo que têm da sua carreira, deram-lhe fôrça para empreender uma campanha contra os antros de vício; e a condessa deve ser a primeira a cair sob o seu ataque fulminante. A questão nos tribunais, a veracidade dos factos, as provas irrefutáveis apresentadas e enfim a juventude e a simpatia que inspiram Berkem, a sua arrebatadora e convincente eloquência, podem mais que a astúcia do advogado defensor e o juiz condena a Von Martini a dois anos de prisão.

Os jornais de Praga, fazem barulho à volta do êxito de Budek Berkem, predizem que a sua carreira será brilhantíssima e rejubilam da cidade contar enfim um funcionário digno, alheio a subornos.

Sendo Yula de menor idade, prescrevem os regulamentos que não tendo outra pessoa de família, a lei não permite que a garota continue vivendo sem amparo de qualquer tutor legal. Neste caso a menor deve ser internada num asilo, até atingir a maior idade.

Berkem sabia isto e mais que, infelizmente, essas instituições, não costumavam purificar o mal, mas,



Uma imagem de «O Anjo da Noite»

ao contrário, enegrecê-lo mais, pelo contacto das más influências que lá existem.

Sem se preocupar mesmo se a sua conduta poderá ser criticada pela sua noiva, consegue, com a ajuda de sua mãe, que Yula entre como ajudanta de enfermeira num hospital, durante o tempo que a condessa permanecer na prisão.

Yula não gosta lá muito da nova vida, bem diferente da sua. Mas, ante a escolha de ser internada numa tutoria, se não quiser ingressar no hospital, não tem outro remédio.

Para Yula, Berkem, continúa sendo o mau homem que mandou sua mãe para a prisão, o homem que tão rudemente fez parar a sua alegre vida de «cabaret» e a internou num hospital, cujas formalidades, quer queira ou não, tem que cumprir à risca.

De carácter impulsivo, ansiosa de liberdade, Yula não pode encontrar-se feliz.

Berkem começa a sentir uma enorme simpatia pela sua protegida.

Graças às maquinações do advogado Rosenbach, a condessa é posta em liberdade.

Berkem, de visita ao hospital, constata que a sua protegida tinha ido para a companhia de sua mãe.

Desesperado, sentindo o coração a palpitar de amor pela jovem, dirige-se ao «cabaret» para falar àquela que lhe transtornou completamente os sentidos.

Yula, que sempre mostrou odiar o seu protector, por fim, declara-lhe que o ama sinceramente, mas que o casamento dos dois é impossível, pois a sua situação social os separa.

Mas os desígnios da providência podem mais que as razões dos mortais.

Biezl, um borracho incorrigível que frequenta o «cabaret» e que domina a todos pelo seu físico, há muito que fazia a côrte à encantadora Yula, sem contudo ser correspondido.

Naquela noite, mais bêbado que nunca, lança-se sobre Berkem. Este, exasperado pela sua impotência, com a alma agonizante ao pensar na brutalidade do hercúleo bêbado, agarra numa faca e crava-a no peito daquele que o provocou.

Berkem é prêso e julgado como autor da morte de Biezl.

E' pedida a sentença de morte para o acusado, no entanto, êle é posto em liberdade.

Como, dirá o leitor, se êle matou um homem? Ide vêr o filme...

Meus caros amigos: Mas vocês porque esperam para ir para a praia? Ainda nenhum de vós me disse que tinha já começado a tostar a pele sob esse sol magnífico que durante dias aqueceu o Pôrto. Ainda nenhum de vós me disse que já tinha começado com o «marismo», o «campismo», o «risismo», ou o «despidismo» e tôdas essas coisas deliciosas a que o calor convida.

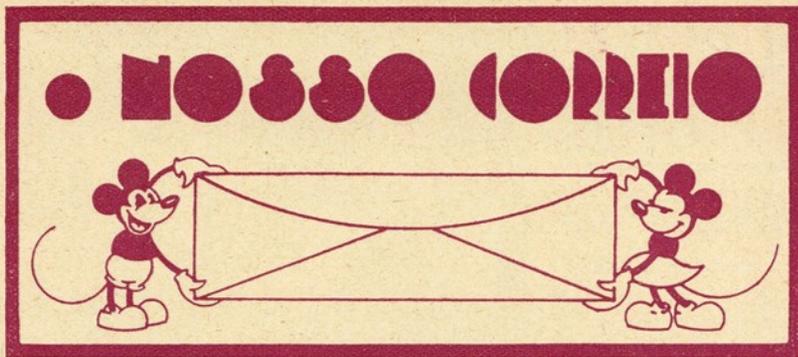
Porque esperam vocês? Vamos embora. Nada de desculpas pouco claras. Você não tem fato de banho? Compre um e sem demora. Você gasta mais dinheiro em coisas peores. E você, minha simpática leitora, tem vergonha de mostrar as pernas? Deixe-se disso, que já passou de moda. Vá para a Foz, estenda-se lá ao sol, respire ar puro, atire-se a essa água fresca do mar. Não me obrigue a achá-la «bota de elástico»! E você que é que diz? Não sabe nadar? Aprenda, já está em idade disso. E não saber nadar não o impede de apanhar ar e sol. Fuja dos cafés, fuja de todos esses recintos onde o ar é em segunda mão e as pulgas às mãos cheias. Vamos para o mar ou para o campo!

O Loubet, chegou há dias de Paris. Vem outro. Não há nada como uma estadia no estrangeiro para afinar o espírito, modernizar as ideias. Lembra-se dele ter-se virado contra mim por causa da propaganda que eu aqui fiz ao nudismo? Pois bem. No domingo passado, o Loubet, com a sua bengala e o seu monóculo, apareceu-me na Boa Nova, em cabelo (primeiro melhoramento). Cumprimentou-me, cumprimentou as pessoas que estavam comigo e... sem mais preâmbulos, despiu-se! Palavra. E andou lá aos saltos e jogou a bola conôscio e fez uma entrevista ali na areia, e tomou banho e... fez um sucesso com o seu *maillot* preto tarjado a amarelo! E veio radiante. E já me anda a desinquietar para irmos fazer marismo outra vez, durante um dia todo. Vá, façam como o Loubet, convertam-se e dispam-se!

Melisande — Acredite Melisande que os meus elogios não foram provocados pelo desejo de querer ser-lhe agradável. E que na verdade as suas cartas distinguem-se bem da maioria da correspondência que eu estou habituado a receber. Todavia, a sua modéstia, só se torna simpática. Houve, sim, tanta gente que não compreendeu, que não sentiu *Luzes da Cidade!* E sabe porquê? Porque o valor dessa obra é todo «interior». Repare que a construção do filme é absolutamente clássica; mas aqui a mais pequena cena, o mais pequeno detalhe é repleto de observação e de humanidade. E que importa que a construção seja velha se o valor do filme reside na sua «alma» e não no seu aspecto «físico»?

Estou olhando a Tobis Portuguesa com uma certa desconfiança. Já lá há tanta gente metida e já houve tantas escaramuças que não olho o empreendimento sem algum medo. E depois, se é verdade que o primeiro filme a realizar será *As Pupilas do Senhor Reitor*, eu pergunto que carácter tencionam dar ao futuro cinema português... Não partilho muito da sua admiração por Ramon Navarro, conquanto não o acho mau actor. Dele vi eu ultimamente um filme muitíssimo mau: *No Alegre Madrid*. *Espada Errante* ainda não passou no Porto. Do *Fantomas* não gostei nada. Você deve ter lido numa resposta do «correio» da semana passada um rápido esboço da minha apreciação. Além do convencionalismo e do disparate, há em *Fantomas* uma série de deficiências de ordem técnica e artística. Nas cenas do começo a distribuição de luzes por exemplo, é por vezes cheia de faltas. Gostei de *Os Cavaleiros da Montanha*, sobretudo pelas lindíssimas vistas das montanhas geladas, que me fascinam sempre... mas tive saudades daquele filme maravilhoso que passou há anos: *A Montanha Sagrada*. Lembra-se dele?

Não, Melisande, a ida da Madrinha para a América não me perturba assim tanto como julga. E a prova é que fui o primeiro a defendê-la dos ataques, aliás inofensivos, dum dos seus afilhados. O único mal que pode acontecer a Lilian é não a compreenderem e sujeitarem-na a papeis que não condigam com o seu temperamento, ou, no caso contrário, a obrigarem a standardizar um género... o que aliás já lhe vinha quasi acontecendo na



Europa. Então Você admira a minha dedicação, a minha constância?... Foi mal que me ficou de pequenino, nunca pratiquei uma tração! Hoje não lhe posso escrever mais, mas espero não tardar a receber de novo notícias suas.

Um académico — Então esses exames como vão? Você deve estar enganado. No dia de S. João parece-me que a pessoa que diz ter

visto a passear na Foz... não esteve lá... Ainda não teimo. Li a sua história. A ideia é honesta e prestava-se a um muito maior desenvolvimento, mas falta-lhe o principal: uma forma literária bonita. Precisava de ser tratada com menor singeleza e com a maior riqueza de linguagem. A ideia, de resto, é até muito interessante... mas é apresentada superficialmente.

Camélia Encarnada — Adoro as flores!... René Lefebvre mora na Rue des Trois-Freres, 3-Paris (18.^o), França. Obrigado pela sua simpatia. Disponha sempre dêste seu criado.

A. M. — Dizem que sim. Eu não sei de nada...

Guida — E' gentil não esquecer! Muito obrigado pelo seu cartão! Já comecei com o despidismo, sim, senhora, mas tenho ido pouco à Foz. Todavia parece-me que está um bocadinho melhor do que o ano passado. Escreva sempre que possa.

Alberto — Com todo o gosto, ela aí vai: 30, Avenue des Tourelles, Boulogne-sur-Seine, França. Não sei se Gaby Morlay costuma mandar retrato. Nada tem que agradecer.

Frederico Guilherme Seiz — Desculpe não ter agradecido a oferta do tal carnetzinho, mas eu só agora soube que você tinha tido essa gentileza. Cá os rapazes gostaram dele e sem me dizerem nada «bifaram-mo». Chamados a capítulo, um deles confessou o «crime». Cá fico à espera da sua prometida carta, que lerei com prazer.

Bibok — E mais uma vez muito obrigado!

Eduardo Dias Rego — Obrigado pela sua carta. Já me tinham dito que a *Severa* colheu um retumbante sucesso aí em Ponta Delgada. O livro sobre Greta Garbo que você deseja, não sei onde o poderá comprar. Se você sabe qual foi a casa editora, escreva para lá, se não sabe... não sei como há-de ser. Para consolação, se quiser, compre o primeiro volume da «Collection Hollywood» (da Nouvelle Librairie Française, rue Dupuytren, 9, Paris), que conta a biografia da «star» sueca. Desde já lhe agradeço as fotos prometidas. Até breve.

Paulo — Obrigado pelos programas. Farei o que deseja.

A's leitoras da «Invicta» — O sr. Paulo Cordeiro (caixa-postal n.º 19, Ponta Delgada, Açores), deseja corresponder-se com raparigas que gostem de cinema, oferecendo, às que lhe escreverem, duas fotografias de artistas.

António Tavares Carneiro — A sua carta anda por aqui perdida há uma porção de tempo!... Perdê-la demora que leva esta resposta, demora de que eu sou involuntário culpado. Aí vão algumas das direcções que pede: Wynny Gibson e Tallulah Bankhead: Paramount Publix Studios, Hollywood, Cal. U. S. A.; Rochelle Hudson: Radio Pictures Studios, 780, Gows St. Hollywood, Calif. U. S. A.

Viva a Pândega — Pois viva! Mas não cheguei a perceber metade do que você me conta na sua carta... Todavia, creia que tive muito prazer em o conhecer. Estarei sempre às suas ordens.

Um que gosta da Monique — E tem bom gosto. Escreva a Monique Roland para: 2, rue Chateaudun, Paris, (9.^o). França. Naturalmente manda-lhe o retrato. Que é que lhe há-de dizer? Essa agora! Olhe, diga-lhe que a viu trabalhar em Lisboa, que gostou muito dela, que está ansioso por voltar a vê-la no «écran» e que lhe ficaria muito grato se ela quisesse ter a gentileza de lhe oferecer uma fotografia autografada. Voilà.

A M O K

FOTOGRAFIA GUEDES

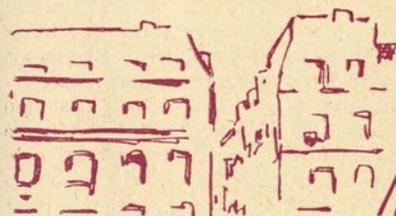
**O mais completo Atelier Fotográfico
NEVES GUIMARÃES**

346, Rua de Santa Catarina, 350 — Telef. 2680

apesar da
crise



EMQUANTO
TODOS SE
LAMENTAM...



A

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, LDA

Constróe...

MADCHEN IN UNIFORM

(Conclusão)

a maior parte dos grandes filmes, êste refletindo a vida é uma mistura de ironia e amargura.

Interpretação sem igual. Eis enfim rostos puros, sem retoques iluminados apenas pela alma e pelo coração.

Quanto à técnica não se pôde falar: simultaneamente subtil e rudimentar passa despercebida. Que maior elogio se lhe pôde fazer? Seria preciso tudo apontar: a mestria do comêço, onde algumas imagens criam com fôrça uma atmosfera que se respirará durante duas horas; a maneira simples de apresentar alguns exteriores como para nos dar o se sopra. Tudo isso é arte da maior; é simples, discreto, duma humanidade tam bem sortida que sempre que nos apresentam uma dúzia de alunos cantando cânticos de olhos voltados para o ceu, sentir-nos-emos atingidos por uma grande emoção.

Madchen in Uniform só nos faz lamentar uma coisa: que os autores não tenham respeitado o final da peça. Tal como é o filme é perfeito, mas, ainda que atroz, o suicidio de Manuela do alto da escada, não teria acabado por clarear a tésé?

A cêna final é, aliás, o mais belo momento do filme. Eu estou ainda sobressaltado por êsse pânico que se apodera das raparigas, essa revolta que remonea, essas rondas assustadas de crianças que sentem a morte e querem evitá-la. O chamamento «Manuela! Manuela!» que bradam cem bôcas no pensionato, sussurra ainda nos meus ouvidos.

Paris, Julho, 1932.

D A N I E L M A Y B O N .

Irving Cummings, vai dirigir «The Sporting Widow», filme em que George Barbier tem o primeiro papel masculino, depois de John Breeden, que é o galã.

Um Ambiente Fumarento

Em nenhuma outra fita se fumou tanto como em «Merrily We Go To Hell», o novo filme de Sylvia Sidney. Nessa fita precisava-se de um ambiente fumarento de festa nocturna e nada mais grato e natural que os «convivas» fumassem até encher a sala de grossas núvens de fumo.

HENRY GARAT contractado pela «Fox»

Segundo noticiam alguns jornais alemães, Henry Garat, foi também contractado pela «Fox Film», para trabalhar com Lilian Harvey nos filmes que esta artista interpretar para aquela empresa. Garat deve seguir para os Estados Unidos ainda êste ano.

Gaby Morlay esteve em Lisboa

Gaby Morlay, a bela artista francesa que apreciamos no fonofilm *O julgamento de Gaby*, esteve em Lisboa na passada terça-feira.

Gaby, que viaja a bordo do «Almeda Star», dirige-se para a América do Sul onde vai representar, como primeira actriz duma companhia parisiense, nos palcos brasileiros.

Da Vida Cinegráfica

(Conclusão)

subsidiar uma companhia particular que deseja produzir filmes.

As companhias americanas protestaram contra o facto de terem de comprar produtos Yugoslavos se quiserem importar produtos americanos e avisaram o govêrno de que não concederão pagar tão pesados tributos além dos já excessivos direitos e despesas de censura. Mantêm o seu pessoal pelo tempo possível, enquanto aguardam que o govêrno queira modificar a lei, mas aparentemente nada está sendo feito.

«Cêrca de 170 filmes da totalidade de 250 importados anualmente na Checho Slovaquia são americanos. Os restantes são quási todos alemães.

«Não há produção de filmes na Yugoslavia».

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE
pelas Ex.ªªª Empresas dos Cinemas: ■■■■

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 23 de Julho de 1932.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 21 e 23 de Julho de 1932.

ODEON

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 23 de Julho de 1932.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

AGUIA D'OURO

apresenta na próxima segunda
feira o encantador fonofilme
cheio de situações empol-
gantes realizado por
EDMUND GOULDING

O ANJO DA NOITE

Uma bela produção da
Paramount interpretada por
NANCY CARROLL e
FREDERIC MARCH



Fotografia maravilhosa
de WILLIAN STEINER

CASTELO LOPES, L.^{DA}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos

apresenta brevemente
no elegante cinema

AGUIA D'OURO

a super produção da "United Artists,,"

A FERA AMANSADA

COM OS FAMOSOS ARTISTAS
DOUGLAS FAIRBANKS
E MARY PICKFORD

Grandioso fonofilme baseado na
comédia de W. Shakespeare